

Alcan renegocia sua dívida externa

Ivan Martins

SÃO PAULO — Enquanto o Brasil tenta sem sucesso renegociar os juros, prazos e volumes de pagamento de sua dívida externa de US\$ 110 bilhões, uma empresa brasileira de capital estrangeiro, a Alcan Alumínio do Brasil, segunda no *ranking* nacional do setor de metalurgia, acaba de acertar com sete de seus 10 bancos credores internacionais o reescalonamento de quase um terço de sua dívida externa, que soma US\$ 280 milhões.

— Talvez não seja a primeira operação desse tipo realizada no país, mas certamente é a que envolve maior volume de dinheiro — festeja Everaldo Santos, presidente desta companhia de capital canadense que está há 47 anos no Brasil. Ela emprega 7 mil 500 pessoas, tem investido no país cerca de US\$ 600 milhões e deve faturar, este ano, mais de US\$ 350 milhões. Nossa renegociação é perfeitamente coerente com os princípios que estão orientando a renegociação do restante da dívida brasileira — diz Santos.

O arranjo montado pela Alcan pode ser resumido da seguinte maneira: a matriz canadense da companhia pegou dos bancos papéis

da dívida de curto prazo de sua subsidiária, no valor de US\$ 80 milhões, e entregou outros títulos da dívida brasileira — em sua maior parte, papéis a vencer de empresas estatais comprados no chamado mercado secundário, no qual os bancos internacionais oferecem, geralmente por valores abaixo do valor de face, os seus papéis de risco. Tecnicamente, a operação realizada pela Alcan é conhecida com *swap* (troca).

— Com isso, ganhamos um prazo substancial de carência, juros e *spreads* menores e a flexibilidade de ter por credor nosso principal acionista, a Alcan Aluminium Limited, do Canadá — explica o economista Geraldo Nogueira de Aguiar, diretor financeiro da empresa e principal mentor da operação. — O perfil da nossa dívida de curto prazo era muito elevado e estava comprometendo a nossa lucratividade. Agora estamos mais aliviados.

Nos próximos dois anos, a Alcan teria que fazer desembolsos, entre juros e principal, da ordem de US\$ 120 milhões. “Isso seria mais que 20% do nosso faturamento”, lembra o presidente da Alcan.

Banco agente — Fechada na sexta-feira passada depois de quatro meses de sondagens e negociações, esta renegociação só foi possível, segundo Aguiar, porque a Alcan — ou melhor, o banco americano contratado pela matriz da companhia para intermediar o negócio — conseguiu localizar no mercado secundário outros papéis brasileiros com prazos, volumes e juros equivalentes aos da sua dívida.

— Os bancos deixaram bem claro que não aceitariam perder dinheiro e nem tirar o Brasil de sua carteira — conta Santos. Foi a decisão de não sair do Brasil que inviabilizou a proposta original da Alcan aos seus credores, de simplesmente comprar a dívida.

José Carlos Brasil



Santos: deságio é segredo